

A Tapera, de Maciste Costa e O Menino e a Matinta, de Cláudia Borges: um estudo comparativo

A Tapera, By Maciste Costa and O Menino e a Matinta, By Cláudia Borges: A Comparative Study

Luana Camila dos Santos Gomes¹

Sâmulla Sousa Montelles do Carmo²

Patrícia Aparecida Beraldo Romano³

Resumo: O presente artigo tem por objetivo realizar um estudo comparativo entre as obras literárias *A tapera* (2012), de Maciste Costa e *O menino e a Matinta* (2021), de Cláudia Borges, buscando encontrar semelhanças e/ou diferenças entre elas, visto que ambas pertencem ao mesmo universo e são voltadas para a literatura de infância. Para isso, o estudo focaliza na análise da personagem Matinta Perera, que é representada de diferentes formas pelos autores e ilustradores, mesmo que tendo uma origem comum, pois são consideradas contos da tradição popular amazônica (lendas). O estudo é de abordagem qualitativa e bibliográfica, por meio da literatura comparada e, nesse sentido, pretende-se entender como a personagem Matinta Perera circula pelas histórias amazônicas no estado do Pará, já que ambos os textos são publicados neste estado e fazem referência às narrativas desse espaço geográfico, em especial, por se tratar de histórias que se passam ao redor de rios e mar. Os dois textos apresentam ilustrações feitas por artistas locais e também merecem nosso olhar sobre elas. Como teóricos nos pautamos nas discussões de Machado (2002), Zilberman (2005), D'ávila (1967), Arroyo (1990) e Carvalhal (2006), dentre outros.

Palavras-chaves: Contos de tradição popular amazônica; Literatura comparada; Matinta Perera; Ilustrações; Maravilhoso.

Abstract: This article aims to carry out a comparative study between the literary works *A tapera* (2012), by Maciste Costa, and *O Menino e a Matinta* (2021), by Cláudia Borges, seeking to find similarities and/or differences between them, given that both belong to the same universe and are focused on childhood literature. To this end, the study focuses on the analysis of the character Matinta Perera, who is represented in different ways by authors and illustrators, even though they have a common origin, as they are considered tales from the Amazonian popular tradition (legends). The study has a qualitative and bibliographical approach, through comparative literature and, in this sense, it is intended to understand how the character Matinta Perera circulates through Amazonian stories in the state of Pará, since both texts are published in this state and make reference to the narratives of this geographic space, especially because they are stories that take place around rivers and the sea. Both texts feature illustrations made by local artists and also deserve our attention. As theorists, we are

¹ Mestranda pelo programa de pós-graduação em Letras POSLET/UNIFESSPA e graduada em Pedagogia pela UEPA. Email:lua.gomes@unifesspa.edu.br

² Mestranda pelo programa de pós-graduação em Letras POSLET/UNIFESSPA e graduada em Letras pela UNIFESSPA. Email:samullamontelles@unifesspa.edu.br.

³ Doutora em Letras, professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, campus de Marabá. Email: paromano@unifesspa.edu.br

guided by the discussions of Machado (2002), Zilberman (2005), D'ávila (1967), Arroyo (1990) and Carvalhal (2006), among others.

Keywords: Tales of Amazonian folk tradition; Comparative literature; Matinta Perera; Illustrations; Wonderful.

Introdução

Por volta do século XVII e XVIII, ainda não tínhamos uma literatura infantil constituída no Brasil e, muitas obras que aqui foram utilizadas, advinham da Europa, por meio de traduções e adaptações, que foram consagradas por autores como Perrault (1628-1703), os irmãos Grimm, (Jacob:1785-1863, Wilhelm:1786-1859) e Andersen (1805-1875). Com o tempo, foi sentida a necessidade de desenvolver nos brasileiros um espírito de valorização da nacionalidade e, no raiar do século XX, por volta de 1920, destacou-se como escritor no Brasil a figura de Monteiro Lobato (1882-1948).

Homem de muitas temáticas, inclusive polêmicas, sua obra infantil tem início em 1920 com a publicação da obra *A menina do narizinho arrebitado*. Em 1921, fazendo uso de um material já publicado em 1918, *Saci-pererê: resultado de um inquérito*, seu primeiro livro, Lobato se utiliza da figura de uma personagem de nossas histórias de tradição oral, o saci, para escrever uma obra para crianças com temática estritamente nacional. Nascia *O Saci*, que teria muitas edições, com diversas alterações por parte de Lobato, até a das *Obras Completas*, em 1947.

Muito estudado como personagem de nossas tradições orais, a figura do saci faz parte do imaginário brasileiro de Norte a Sul do país, como o próprio Lobato apresentaria em *O inquérito*. Mas não apenas de sacis esse nosso imaginário se compõe. Muitas são as histórias orais que nos narram, fazendo-nos nascer em narrativas passadas de geração a geração.

A região amazônica é uma das que hoje mais tem difundido suas histórias de origens para as demais partes do país. Uma dessas histórias muito chama a atenção, em especial, para o homem que vive nas cidades da região, sempre banhadas por rios, cujas águas atravessam a memória de todo povo amazônida.

Por isso, este artigo se sustenta na tentativa de analisar duas narrativas que tratam de uma personagem bastante conhecida na região amazônica paraense, a figura da Matinta Perera, que emerge das histórias de tradição oral da região.

As obras analisadas neste artigo serão *A tapera*, de Maciste Costa, e *O menino e a Matinta*, de Cláudia Borges. Ambas pertencem a esse universo de contos de tradição popular amazônica, que foram passados de geração a geração e sofreram acréscimos ou modificações de acordo com o contador, o que pode definir as possíveis semelhanças/diferenças dos contos, quanto a enredo, personagens, tempo e espaço, dentre outros aspectos. Pretendemos também nos debruçar, mesmo que rapidamente, no processo ilustrativo das obras, já que ambas apresentam ilustrações muito significativas no contexto do público leitor de tais narrativas.

A figura da Matinta Perera é retratada como sendo a de uma senhora muito idosa que bate na casa de moradores dos “vilarejos” em busca de fumo ou café e, conta a lenda, que quem nega esses objetos a ela sofre os efeitos do encantamento da senhora, transformada em ave para amedrontar as pessoas. Mas não há apenas uma Matinta, há várias, de acordo com o local de onde a história é resgatada.

Com isso, este artigo objetiva realizar um estudo comparativo entre as obras *A tapera* (2012), de Maciste Costa, e *O menino e a Matinta* (2021), de Cláudia Borges. A primeira perpassa o universo do maravilhoso, porém constroi a personagem Matinta a partir de uma senhora solitária, a qual vivia em um casebre rústico e escuro, sozinha, sem familiares e/ou amigos, de forma, portanto, bastante isolada num povoado à beira de uma praia. Já a segunda faz alusão a uma história vivenciada no Município de Marabá/PA, sudeste do Pará, e apresenta Biel, um garotinho que recebe a incumbência de levar um vestido até a casa de uma costureira, mas lhe é recomendado, pela mãe, a não demorar para não encontrar a Matinta pelo caminho.

A partir da análise comparativa dessas narrativas, busca-se responder aos seguintes questionamentos: De que maneira a personagem Matinta Perera é apresentada em cada obra? Quais diferenças elas apresentam no tratamento da história de tradição oral? Como são elaboradas as ilustrações de cada obra? Como o universo do imaginário permeia cada uma delas?

1 De Maciste Costa a Cláudia Borges

Raimundo Benedito Menezes da Costa ou simplesmente Maciste Costa é artista plástico, ilustrador, poeta e escritor. Nasceu em 1964, em Belém do Pará, sua cidade natal,

onde reside até hoje. Possui mais de 19 livros publicados e já ilustrou livros acadêmicos, literários, quadrinhos, bem como produziu pinturas e esculturas.

Tem uma parceria com o renomado autor de livros de literatura infantil e juvenil, Daniel da Rocha Leite, carioca, mas residente em Belém desde a primeira infância. Ambos apresentam uma longa parceria sobre temáticas caras à região e à cultura paraense, em especial, as voltadas à memória, às histórias de tradição oral da Amazônia paraense e às águas dos rios que cortam a região.

Dentre as obras mais conhecidas de Maciste Costa como escritor e ilustrador, voltadas para a infância, podemos citar: *Causos Amazônicos* (2016), *O Igarapé Encantado* (2016), *Os olhos da Matinta* (2014) e a obra analisada neste artigo, *A Tapera*, publicada em 2012, inicialmente, pela editora Tempo. Em 2019, agora pela editora Paka Tatu, a obra é reeditada. Maciste Costa recebeu, como ilustrador, diversos prêmios, como o IAP, em 2017, de melhor ilustrador para a literatura infantojuvenil com a obra *Pedrinho e o peixe azul* (2007).

Francisca Cláudia Borges Fernandes nasceu em Vitória, Espírito Santo, em 1983. Mora em Marabá/PA desde os 2 anos de idade, onde construiu suas histórias de vida. É formada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA), mestre em Letras pela Universidade do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e, atualmente, atua como professora de literatura, língua portuguesa e redação em escolas da rede particular no Município de Marabá/PA.

Além disso, é contadora de histórias e se orgulha de ouvir os “causos” de pessoas mais velhas ou com vasta experiência cultural, em especial, da região sul e sudeste do Pará onde reside desde a primeira infância. A obra analisada neste artigo, *O menino e a Matinta* (2021), originou-se de um relato que lhe foi contado por Andrey, seu informante, que no texto foi chamado de Biel (Gabriel) e que a autora criou como protagonista do texto. As ilustrações ficaram por conta de Bino Sousa, famoso artista visual da cidade de Marabá e de outras cidades do Pará, em especial, da região Sul e Sudeste do estado e também de Nathanael Marques, parceiro de Bino Sousa em muitos murais pela cidade de Marabá.

Pensando que ambas as obras analisadas pertencem ao universo da literatura para a infância e são baseadas em histórias da tradição popular amazônica elas possuam diferenças com relação ao enredo, personagens, tempo e espaço, apesar de partirmos de uma metodologia dos estudos comparativos que se fundamenta nos pressupostos da literatura

comparada. Busca-se, assim, examinar as duas histórias que trazem a personagem Matinta Perera como tema, os aspectos que as aproximam e outros que as diferenciam.

Nesse processo comparativo, Carvalhal (2006, p.8) lembra que:

Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente, onde o exemplo dos provérbios ilustra a frequência de emprego do recurso. A crítica literária, por exemplo, quando analisa uma obra, muitas vezes é levada a estabelecer confrontos com outras obras de outros autores, para elucidar e para fundamentar juízos de valor. Compara, então, não apenas com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados, mas, principalmente, para saber se são iguais ou diferentes. É bem verdade que, na crítica literária, usa-se a comparação de forma ocasional, pois nela comparar não é substantivo.

Podemos depreender, a partir da citação acima, que uma literatura comparada pode comparar duas ou mais obras literárias, sendo as mesmas pertencentes ou não a épocas distintas e ultrapassar fronteiras geográficas, pois a literatura nos dá essa abertura e esse caminhar imaginativo e criador. Neste artigo pensou-se em dois momentos para desenvolver melhor a temática em questão, de forma que, no primeiro, trataremos do referencial teórico que embasará as ideias e afirmações presentes no trabalho como forma de reiterar a importância da temática desenvolvida e, no segundo, da análise comparada entre as obras, destacando-se nela a personagem Matinta Perera, suas semelhanças e diferenças em diferentes espaços físicos, mas com semelhanças culturais, em especial, no que se refere ao universo do imaginário local e na produção das ilustrações da obra.

2 Considerações teóricas sobre o contexto cultural e literário das obras *A tapera* e *O menino e a Matinta*

As obras *A tapera* e *O menino e a Matinta* perpassam pelo universo de histórias oriundas da tradição popular amazônica, as quais, possivelmente, foram contadas oralmente e repassadas de geração em geração.

As histórias e “causos” originados da tradição popular amazônica perpetuam-se por meio da literatura oral na história de constituição de nossa cultura nacional, por isso são relevantes para a memória coletiva da população local e nacional. Segundo Busatto (2008):

Recuperar o conto de literatura oral é também perpetuar a nossa cultura e a nossa história. Se cito com frequência o conto de fadas e o mito é por acreditar que eles são uma via de acesso ao nosso ser, porém há nas lendas regionais e causos populares um conhecimento que não deve ser desprezado, pois eles indicam a produção cultural de um povo, suas crenças, temores e anseios íntimos (Busatto, 2008, p.87).

Giordano (2007), ao reforçar a relevância da construção das memórias dos indivíduos, expõe que:

A maior parte da literatura voltada para o estudo dos contos de tradição oral informa que não há país, crença ou etnia cuja tradição não tenha histórias e lendas. Contos sempre fascinaram a gente de todo mundo. (...) As histórias, desde há muito, são formas de confrontar, mostrar caminhos, ensinar e aprender com ideias infinitamente sábias (Giordano, 2007, p. 2).

Justifica-se, assim, a importância de desenvolvermos as histórias de uma nação e os contos de tradição oral como provas de que o conhecimento pode e deve ser repassado de geração a geração.

A literatura oral brasileira recebeu influência da tradição indígena, africana e portuguesa, as quais, miscigenadas, formam o universo do nosso imaginário popular e deram origem às histórias da tradição popular amazônica.

De acordo com Cascudo (2006):

A tradição reúne elementos de estórias e histórias popular, anedotas reais ou sucessos imaginários, críticas sociais, vestígios de lendas amalgamados, confusos, díspares na memória geral e se confundem com certas superstições. Parece-me articular-se aos rumores clássicos, o rumor antigo, conta como dizia Camões, numa forma de comunicação de valores indistintos do saber coletivo (Cascudo, 2006, p. 53).

Assim, podemos compreender a importância de considerarmos essas histórias de tradição popular, pois elas estão carregadas da cultura e da memória de um povo. Um imaginário de Matintas que sobrevoa a mente e a memória de quem teria presenciado sua aparição. Para Carvalho (2014), essa senhora é reconhecida como “[...] uma bruxa velha que, quando moça, cometeu grandes pecados, e por isso deve cumprir seu fado” que, nesse caso, pode ser entendido como fazer jus a um destino que lhe foi imposto pela existência de uma força sobrenatural. Os seres que cumprem um destino, um fado, podem ser julgados como

indivíduos que efetivaram “[...] um pacto com o demônio em troca de alguma vantagem ou vinganças pessoais, recebendo por isso uma punição, como a de se transformarem em animais durante a noite” (Carvalho, 2014, p. 225).

Ainda para Carvalho (2014), a Matinta Perera é um ente capaz de estabelecer ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos, isso a partir da visão dos índios Tupinambás que anunciavam que pajés e feiticeiros, pela noite, podiam se transformar nesse ser encantado e até voar assombrando as pessoas. Pela manhã, a forma humana dela era restabelecida.

Assim, podemos compreender que os contos populares amazônicos resgatam informações imprescindíveis com relação à história, à etnografia e aos aspectos sociais, como observamos na obra *A tapera*, de Maciste Costa, fazendo alusão ao universo da solidão, do abandono afetivo em que a personagem idosa denominada de “a velha da tapera” se encontrava.

Já com relação à etnografia e à história de um povo, podemos relacionar a obra *O menino e a Matinta*, de Cláudia Borges, pois nela observamos a descrição de hábitos, costumes e práticas de uma comunidade específica, com aspectos próprios e desenvolvidos no município de Marabá/PA, além de oriundos de contações de histórias da tradição oral. Essas histórias de Matintas a que faremos referência estão carregadas de sabedoria e cultura de diferentes povos amazônicos, além de estarem carregadas de imaginação e encantamento e fazerem morada na memória de um povo e, por isso, em sua tradição popular.

3 Da Matinta de Costa à Matinta de Borges

A obra *A tapera*, de Maciste Costa, conto infantojuvenil⁴ publicado no ano de 2012, relata a história de uma mulher solitária, que morava em uma tapera (casa rústica) e que, por anos, se isolou do restante dos moradores daquele povoado por causa das histórias que comentavam a seu respeito, pois possuía características possivelmente semelhantes às de Matinta Perera, história oriunda da tradição oral e popular da região amazônica onde se passa o enredo da história.

Nessa obra, a velha senhora não é denominada por um nome, mas sim por suas características físicas, já que gostava de pentear seus longos cabelos sentada em um tronco em

⁴ Assim o autor o autodenomina em sua obra.

frente à tapera. Isso é corroborado pela descrição do narrador em primeira pessoa, uma criança na época.

Lembro-me que poucas vezes eu a vi sentada naquele enorme tronco de árvore velha, em frente ao casebre. Das poucas, nunca vi seu rosto. Estava sempre penteando seus longos cabelos grisalhos, quase brancos. Em um transe de Uiara. Furtava-se do mundo e de seus lascivos escárnios. Um segredo! Quiçá, as ondas dos rios o decifrava ou os sóis cotidianos que dedilhavam seus longos cabelos de horizonte nas gavetas das tardes. (Costa, 2019, p.7).

O relato acima do narrador é uma memória de infância, do universo do encantamento de narrativas contadas por avós, tios, pais, ou vivenciada por nosso narrador-menino, numa época em que as histórias ouvidas são quase como que vividas, porque o real e o imaginário se fundem, tendo em vista as histórias que a memória dos mais velhos juram ter acontecido ou seus olhos vistos. Além disso, essa criança também lembra que a senhora era tida como:

[...] criatura da noite e transformava-se em animais. Ou, que viajava noite adentro, com asas gigantescas. Um fato curioso chamava a atenção de todos: ninguém sabia seu nome. A chamavam: "A velha da tapera". Um misto de respeito e medo. Medo do desconhecido (Costa, 2019, p. 9).

Nosso narrador-menino conta que, numa trilha de seus espaços de infância, dera de cara com a velha tapera, era uma casa muito velha, "ninguém sabia ao certo quem a construía. Tinha grandes janelas, as quais mostravam uma terrível escuridão aos olhos curiosos das pessoas que por ali passavam" (Costa, 2019, p. 5). Nessa moradia, residia a figura feminina sobre quem o narrador-menino acrescenta: "seu corpo arqueado, com ligeira corcunda, como a gestar o peso grotesco de sua existência" (Costa, 2019, p. 9).

Podemos observar que a velha senhora não possuía um nome, não recebia visitas e era solitária, possivelmente, guardava muitos mistérios e sabedoria dentro de si, mas como não conversava com ninguém, vivia sozinha, dentro da tapera, era tida como muito misteriosa e assustadora e era motivo de muitas especulações dos moradores das redondezas.

Logo, podemos observar que, possivelmente, algumas características da velha da tapera faziam alusão a uma versão da história da tradição popular amazônica da Matinta Perera: seus longos cabelos grisalhos e a possível transformação em aves. Maciste Costa, na construção do enredo do texto, não somente nos fornece uma nova versão do conto de tradição popular, mas também procura desenvolver um aspecto social muito importante: o

abandono, a solidão, o isolamento de pessoas que, ao ficarem mais idosas se afastam de seus familiares e até são por eles, muitas vezes, esquecidas, abandonadas, desprezadas. Nesse processo de abandono e solidão, acabam se isolando e sendo também pelas pessoas isoladas e até repudiadas.

Segundo Andressa de Jesus A. Ramos, em seu artigo intitulado "Matintaperera: de bruxa medieval e feiticeira amazônica à jovem que gostava de luxar", publicado em 2020, na *Web Revista Linguagem: educação e memória*, temos:

Sob outro viés, Gisela Macambira Villacorta defendeu no Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA/UFPA), em 2000, a Dissertação "As mulheres do pássaro da noite: pajelança e feitiçaria na região do salgado (nordeste do Pará)", que tem como tema a mulher na pajelança cabocla. A estudiosa procura analisar, do ponto de vista antropológico, o papel que é atribuído à figura feminina nesse domínio. A mulher pajé, diferentemente do homem, segundo Villacorta (2000), é fadada a se transformar em Matintaperera. A Matinta seria um termo nativo usado para nomear a mais perigosa espécie de feiticeira (Ramos, 2020, p. 6).

É justamente aqui que podemos nos questionar sobre a Matinta de Maciste Costa: seria uma senhora feiticeira, moradora solitária de uma tapera no interior de uma floresta? Parece ser essa a lembrança que o menino-narrador apresenta em seu discurso ao olhar pela fresta da tapera a lembrança que ainda vivia em seus sonhos e que os anos não apagaram:

O que vimos [...] foi uma mulher frágil, sentada em frente ao oratório. Ela destilava o silêncio complacente das lânguidas orações que a acolhia, em um bendito cômodo de pouca luz. Enxovia de sua alma. No terço, a deserção de nossas expectativas. No rosário, a fiada de contas entre os dedos, aos nossos dessagrados olhos. Não víamos seu rosto, ela estava de costas para a fresta. Mirei, instintivamente, o quadro de um santo à frente dela; o reflexo empoeirado revelou-me seus grandes olhos, que me fitaram profundamente (Costa, 2019, p. 13).

Foram esses olhos, assustadores e sedutores, que acordaram o narrador-menino por noites a fio, como se o convocassem para ouvir as tristezas daquela velha senhora. Por conta do medo que tomou conta do menino, ele passou a evitar a passagem pela fresta da tapera. Tempos depois, ele vai visitar a avó doente e fica na casa dela por cerca de duas semanas. Já pronto para retornar para sua casa, o tio vai acompanhá-lo na travessia do rio enquanto a maré

estava baixa. A tarde caía em um silêncio exagerado. Ouvindo apenas as marolas arrebitarem na praia de rio eis que:

Andei alguns metros na trilha e, ao sair por detrás de alguns arbustos, deparei com a sinistra tapera. Um súbito frio correu-me pela espinha, culminando com meus cabelos arrepiados. Parecia ter passado sem olhar. Mas ao levantar a cabeça, ela estava ali, sentada naquele bendito tronco em frente à tapera. Penteava seus longos cabelos de Uiara, com a cabeça baixa. Eu conseguia ouvir o som do pente, ao desinçá-los, como as cordas de um lúgubre violino. Ela sabia que eu estava ali. Nela eu não conseguia ver maldades (Costa, 2019, p. 21).

Ainda meio que enfeitiçado pela cena que presenciava, a solidão que dela emanava tomou conta do narrador-menino numa espécie de consciência inconsciente da situação na qual ele se fazia testemunha. Seria realidade? Fantasia? Ou ainda uma quase covardia de ficar ali, em pé, sendo mirado, olhado, sugado pela força daqueles olhos sedutores e que clamavam por companhia, por alguma conversa, por alguma presença humana acolhedora. Uma metáfora viva do abandono de que padecem tantos idosos socialmente rejeitados, esquecidos, assassinados pela falta de cuidados da sociedade. Nossa narrador-menino finaliza:

Em dado momento, levantou a cabeça... e, com seus dedos longos, retirou os cabelos de um lado da face. Os mesmos olhos profundos e amargos voltavam a rasgar minha alma. O meu coração sabia que não me faria mal, ela apenas carregava o pesado fardo de angústias, infelicidade e uma solidão latente, que contaminava a sua existência. Meio receoso fui passando, querendo aparentar tranquilidade. Antes de sumir na trilha, ainda olhei para trás e me surpreendi com a inusitada visão. Seus braços ressequidos pelo tempo acenavam tal qual palmeiras em meio às tempestades (Costa, 2019, p. 23).

Já de volta à casa dos pais, o menino conta a todos sobre o retorno e sobre a passagem pela tapera da senhora sentada à porta. Lembra que ela penteava os longos cabelos e que até acenara para ele, num misto de Uiara e Matinta. Foi neste instante que a família ao redor da mesa se assustou e o pai informou-o de que aquilo seria impossível, afinal, a senhora da tapera morrera fazia três dias e ele até lá estivera para ajudar no enterro.

Diante de tal cena, nosso narrador-menino confessa o quanto de tristeza ele sentiu por não ter correspondido ao desejo da senhora, cujos olhos clamavam por companhia, amor, afeto e presença. Esses são os olhos que acompanham o crescimento do narrador quando,

adulto, rememora essa lembrança de infância num misto de saudade, fantasia e tristeza por não ter retribuído o pedido de companhia, de presença, de ternura e afeto mesmo que no limite entre a vida e a morte da senhora da tapera.

Neste processo, não podemos esquecer das ilustrações em preto e branco criadas por Maciste Costa. Numa busca por reunir o universo de sonho e fantasia, medo e esperança, solidão e lembrança, Costa cria imagens, cuja beleza se deflagra na sensação de solidão que o jogo entre preto, branco e cinza causam no leitor ao ampliar, a partir dele, a presença da morte iminente da senhora da tapera. Marcas dessa percepção reproduzimos abaixo a partir de três dessas ilustrações tão marcantes:

Figura 1 – Ilustrações da obra *A Tapera*



Fonte: Livro *A Tapera* de Maciste Costa

Já a obra *O menino e a Matinta*, de Cláudia Borges, foi publicada em 2021 e é o resultado da experiência de Andrey, que se transforma na personagem Biel, e relata a Cláudia Borges a lembrança de um tempo em que os encantados se misturavam às histórias de vida de uma infância vivida às margens dos rios que cortam Marabá.

A obra narrada então por Biel traz como enredo a experiência vivida pelo menino que recebera uma ordem de sua mãe, para que fosse à casa da costureira Creuza, localizada no bairro do Cabelo Seco, no município de Marabá/PA. Mas o pedido da mãe deveria ser executado antes que o sol se pusesse, para evitar o dissabor de poder se deparar com a Matinta Perera, sempre à espreita para pedir café e fumo. A história narrada por Biel, que jura ter visto a Matinta, é desses encontros com seres encantados que, no passado, eram mais vividos e sentidos pelos moradores do que hoje em dia.

O mistério e a construção do imaginário popular já estavam presentes na fala de sua mãe, quando diz a ele:

- Biel, anda, menino, deixa de bobeira, vai ali na casa da costureira Dona Creuza. Entregue esse vestido para alguns ajustes e a troca do zíper. Entendeu? - Biel, anda, vai logo! Antes que fique a boca da noite e a danada da Matinta apareça, já sabe que nessas horas essa visagem sai da mata para assombrar os vivos, então te apressa menino, não vai ficar na rua aprontando. (Borges, 2021, p.14).

Biel vai na sua bicicleta, na tranquilidade, observando o rio e o pôr do sol que estava prestes a acontecer. Mas ainda faz parada para uma pelada rápida com os meninos que jogavam bola num campinho em meio a uma névoa de poeira, contrariando o pedido da mãe para que ele se apressasse a fim de voltar logo para casa, antes de a boca da noite se mostrar. Ao final da pelada, pega a bicicleta e segue seu caminho até a morada de Dona Creusa, a costureira, mas já com a boca da noite presente.

Neste momento, envolvido pelo mistério do anoitecer, "pela movência das águas e o vai e vem dos barcos" (Borges, 2021, p. 19), Biel passa a escutar grunhidos atrás de si: "O que é isso, minha Nossa Senhora de Nazaré?" (Borges, 2021, p. 19). E "na hora perigosa do dia", Biel sai em disparada na bicicleta enquanto escuta "assovios e suspiros horripilantes" (Borges, 2021, p. 21). Neste momento, o menino comenta:

Ouvi mais gritos. Eu parei de pedalar, desci da bicicleta e com os olhos arregalados fiquei paralisado por alguns segundos, porque eu vi! Eu vi a Matinta Perera! Ela estava lá, em cima da castanheira. Era uma velha, toda vestida de preto, com cabelos longos e grisalhos cobrindo o rosto enrugado. Fechei os olhos e rezei o Pai nosso. Com uma mão na bicicleta e a outra tapando os olhos. [...] Era a Matinta Perera. Com muito medo comecei a empurrar a bicicleta. Estava bem perto da casa de dona Creusa. Foi quando ouvi os gritos: -Quem quer? -Quem quer? - Quem quer? (Borges, 2021, p. 23, 27).

A Biel restou apenas correr, não poderia responder "eu quero". Se fizesse isso, passaria a carregar o fado de ser a próxima Matinta. Ao chegar à casa da costureira, passa a ser questionado por ela sobre o que havia ocorrido e já falando em disparada "não quero", "não quero":

Você está bem? O que você viu, menino? Parece até que viu a Matinta. Dizem que ela aparece no fim do dia. Dizem também que mora no final da rua. E aparece aqui pelas redondezas em forma de pássaro agourento "rasga mortalha" e depois se transforma em uma velha. –Eu vi a Matinta! Eu vi!!! Disse-lhe com respiração ofegante (Borges, 2021, p. 28).

E Dona Creusa conta para o menino diversas histórias sobre a Matinta, além de ensinar-lhe rezas para proteção. Também sugere que, em acontecendo mais uma vez, que ele oferecesse café e fumo para ela. Biel, já mais calmo, voltou para casa e nunca mais retornou de uma brincadeira de rua na hora da boca da noite, porque não queria sentir novamente os calafrios advindos da voz e da presença da Matinta Perera.

Se em Maciste Costa, a figura da Matinta é sugerida pela presença da velhice, dos cabelos longos, do ambiente sombrio ao longo das águas do rio e do isolamento social, em Cláudia Borges temos a Matinta em sua forma mais comum de aparição, ligada ao final do dia, ao assovio característico seu que parece arrepiar todo homem que o escuta, sendo anunciada pela presença de uma ave que sobrevoa o céu com grito estridente e assustador.

Esse texto, criado por Borges a partir do relato do menino Andrey Gomes, vai ao encontro de outro relato de informante que também teve contato com essa encantaria. Esse relato aparece em artigo de Fernando Alves da Silva Júnior e Maria do Perpétuo Socorro Simões, essa última, estudiosa conhecida nos estudos das encantarias amazônicas. No texto intitulado "Ensaio metodológico para o estudo da mitopoesia amazônica", publicado na revista *Terceira Margem Amazônia*, os autores apresentam o relato que segue, colhido em 2011, na residência de uma senhora chamada dona Josefa, em São Domingos (Bragança/PA):

Eu sei que Curupira tinha muito, Curupira tinha muito lá nesse lugar lá, pra lá que a gente morava. Curupira tinha muito porque eu tinha... como é... matintaperera, que eu tinha medo, medo, medo, medo, medo que a gente morava numa casinha. Sabe como é casinha de pobre no interior, uma casinha que malamau um cercadinho, umas palhinhas abeirando, não tem nem porta fechada, nada. Eu morria de medo quando a matintaperera passava assoviando, passava assoviando. Ah! Que aquele assovio ia lá dentro do coração da gente. Eu digo: – Hoje a matintaperera me come (dona Josefa, Bragança) (Silva Júnior; Simões, 2013, p. 183-184).

Neste relato, vê-se uma Matinta muito parecida com a do menino Andrey, personagem Biel, da obra de Cláudia Borges. Trata-se de uma Matinta mais apavorante e menos ligada ao

universo da solidão e da tristeza, mas sim pertencente ao universo do medo, do terror e até de uma certa agressividade se caso ela for contrariada.

A ideia parece ser a de que o leitor reconheça essa lenda de tradição oral, que sofre várias mudanças dependendo do local onde é contada e ainda se identifique com a carga cultural que ela carrega em seu bojo.

Para finalizar, lembramos também do trabalho de ilustração que se fez neste texto. Se em Maciste Costa, tínhamos ilustrações mais soturnas, mas com um tom de tristeza muito grande perpassando a personagem Matinta, aqui em Borges elas ganham tonalidades mais quentes e vivas e se coadunam com o universo do medo e da maldade, como veremos abaixo:

Figura 2 – Ilustrações da obra *O menino e a Matinta*, de Cláudia Borges



Fonte: Livro *O menino e a Matinta*, de Cláudia Borges

Como nos sugere Brenman (2012), a literatura faz com que o indivíduo dê saltos inimagináveis por meio da fantasia e da imaginação, faz reflexões antes não possíveis pela falta de discernimento e possibilita que o sujeito viaje sem ao menos sair de sua casa. Ele ainda lembra que:

A literatura infanto-juvenil de qualidade não garante a felicidade e nem a conquista de bens materiais, mas possibilita que nossa mente se torne mais flexível e livre, capaz de compreender a complexidade do mundo visível e invisível, assim contribuindo para que possamos despertar de uma ilusão inovadora. (Brenman, 2012, p.224).

E é exatamente por conta disso que ao entrar em contato com as obras já citadas anteriormente, crianças e jovens podem viajar pelo universo da tradição popular amazônica,

através de enredos e personagens únicos e misteriosos, os quais podem dar asas à criatividade e ao espírito crítico dos sujeitos, ainda mais por se tratar de um universo de encantarias que se misturam com a realidade e a fantasia da criança amazônida que vive ainda nesse espaço de muito mistério e memórias ancestrais.

As histórias de tradição popular, possivelmente, foram as primeiras a ser disseminadas entre as crianças e jovens, muito antes do desenvolvimento da imprensa ou de obras que viessem através de traduções e adaptações para os brasileiros. Elas não precisavam estar em livros ou escritas em páginas para serem conhecidas. Bastava apenas que um contador de histórias as relatasse para um público, que a tradição oral se encarregava de repassá-las de geração a geração e, aos poucos, as histórias iam sendo conhecidas por um número maior de pessoas.

As obras *A tapera*, de Maciste Costa, e *O menino e a Matinta*, de Claudia Borges, fazem uma representação adequada deste universo da tradição oral amazônica, retratando de formas diferentes a história de tradição popular de Matinta Perera. Mesmo as obras pertencendo ao mesmo tempo histórico, século XXI, são resultados de experiências vivenciadas por crianças em sua infância. Nessas vivências observamos diferenciações entre as mesmas com relação à forma de resgatar essa personagem emblemática e popular. Costa a retrata associando-a a um tema atual e necessário, o abandono e a solidão das pessoas mais idosas, aspecto comum em nossos dias. Já Borges a apresenta como uma história/relato de tradição popular da Matinta Perera trazendo elementos de regionalidade do município de Marabá/PA, além do medo e da maldade advindas da Matinta.

O que fica como aprendizagem para nós é que, mesmo sendo ilustradas a partir de olhares muito diferentes, a temática da Matinta Perera como história de tradição oral continua rica e presente no imaginário do homem amazônida do estado do Pará/PA.

Considerações Finais

Como nos sugere Brenman (2012), a literatura faz com que o indivíduo dê saltos inimagináveis por meio da fantasia e da imaginação, faz reflexões antes não possíveis pela falta de discernimento e possibilita que o sujeito viaje sem ao menos sair de sua casa. Ele ainda lembra que:

A literatura infanto-juvenil de qualidade não garante a felicidade e nem a conquista de bens materiais, mas possibilita que nossa mente se torne mais flexível e livre, capaz de compreender a complexidade do mundo visível e invisível, assim contribuindo para que possamos despertar de uma ilusão inovadora. (Brenman, 2012, p.224).

E é exatamente por conta disso que ao entrar em contato com as obras já citadas anteriormente, crianças e jovens podem viajar pelo universo da tradição popular amazônica, através de enredos e personagens únicos e misteriosos, os quais podem dar asas à criatividade e ao espírito crítico dos sujeitos, ainda mais por se tratar de um universo de encantarias que se misturam com a realidade e a fantasia da criança amazônica que vive ainda nesse espaço de muito mistério e memórias ancestrais.

As histórias de tradição popular, possivelmente, foram as primeiras a ser disseminadas entre as crianças e jovens, muito antes do desenvolvimento da imprensa ou de obras que viessem através de traduções e adaptações para os brasileiros. Elas não precisavam estar em livros ou escritas em páginas para serem conhecidas. Bastava apenas que um contador de histórias as relatasse para um público, que a tradição oral se encarregava de repassá-las de geração a geração e, aos poucos, as histórias iam sendo conhecidas por um número maior de pessoas.

As obras *A tapera*, de Maciste Costa, e *O menino e a Matinta*, de Claudia Borges, fazem uma representação adequada deste universo da tradição oral amazônica, retratando de formas diferentes a história de tradição popular de Matinta Perera. Mesmo as obras pertencendo ao mesmo tempo histórico, século XXI, são resultados de experiências vivenciadas por crianças em sua infância. Nessas vivências observamos diferenciações entre as mesmas com relação à forma de resgatar essa personagem emblemática e popular. Costa a retrata associando-a a um tema atual e necessário, o abandono e a solidão das pessoas mais idosas, aspecto comum em nossos dias. Já Borges a apresenta como uma história/relato de tradição popular da Matinta Perera trazendo elementos de regionalidade do município de Marabá/PA, além do medo e da maldade advindas da Matinta.

O que fica como aprendizagem para nós é que, mesmo sendo ilustradas a partir de olhares muito diferentes, a temática da Matinta Perera como história de tradição oral continua rica e presente no imaginário do homem amazônica do estado do Pará/PA.

Referências

- BRENMAN, Ilan. **A condenação da Emília**: o politicamente correto na literatura infantil. 1 ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- BUSSATO, C. **Contar e encantar**: Pequenos segredos da narrativa. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4.ed. rev. E ampliada. São Paulo: Ática, 2006.
- CARVALHO, Nazaré Cristina. Caleidoscópio do imaginário ribeirinho amazônico. **Revista Instrumento**: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 221-230, 2014.
- CASCUDO, L. da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Global, 2006.
- COSTA, Maciste. **A tapera**. Belém: Paka-tatu, 2019.
- D'ÁVILA, Antônio. **Literatura Infanto-Juvenil, de acordo com o programa das escolas normais**. São Paulo: Editora do Brasil, 1967.
- FERNANDES, Francisca Cláudia Borges. **O menino e a Matinta**. Belém: Folheando, 2021.
- GIORDANO, Alessandra. **Contar histórias**: um recurso arteterapêutico de transformação e cura. São Paulo: Artes Médicas, 2007.
- GREGORIN FILHO, Nicolau. **Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.
- LISBOA, Henriqueta. **Literatura oral para a infância e a juventude**. São Paulo: Peirópolis, 2002.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira**: história e histórias. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- MACHADO, A. M.; PAGEAUX, D.-H. **Literatura portuguesa, literatura comparada e teoria da literatura**. Lisboa, Edições 70, 1981. (Col. Signos, 36.)
- RAMOS, Andressa de Jesus A. “Matintaperera: de bruxa medieval e feiticeira amazônica à jovem que gostava de luxar”. **Web Revista Linguagem**: educação e memória, V.18, N.18, 2020.
- SILVA JÚNIOR, Fernando Alves da; SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro. Ensaio metodológico para o estudo da mitopoese amazônica. [Terceira Margem Amazônia, v. 1 n. 3, 2013](#).
- ZILBERMAN, Regina. A leitura da literatura infantil brasileira. In: DEBUS, Elaine (org.). **A literatura infantil e juvenil de língua portuguesa**: leituras do Brasil e D'Além-Mar. Blumenau: Nova Letra, 2008.